



## **Agroecologia do Caboclo: memorial biocultural das jinsaba do Caxuté** *Agroecology of Caboclo: biocultural memorial of the jinsaba of Caxuté*

SANTOS, Maria Balbina dos (Mametu Kafurengá)<sup>1</sup>; SANTOS, Alzira F. dos (Mametu Odemina)<sup>2</sup>; BRANDÃO, J.D. dos (Taata Sobode)<sup>3</sup>; SILVA, Romário da (Lembamim)<sup>4</sup>; ALVES, Joseane A. de J. (Nengwa Kafugemi)<sup>5</sup>; SANTOS, J.C. dos (Hoxialajô)<sup>6</sup>; ANJOS, F.M. dos (Kasanjí)<sup>7</sup>; GOMES, Eduardo (Taata Kabirosí)<sup>8</sup>; SANTOS, V.S. dos (Dandakayabô)<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi; <sup>2</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi; <sup>3</sup> professorsobode@outlook.com, Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi/UFRGS; <sup>4</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi/UFRB; <sup>5</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi/UFRB; <sup>6</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi/UFRB; <sup>7</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi/UFRB; <sup>8</sup> Escola Caxuté/ETALC/UFRB; <sup>9</sup> Escola Caxuté/Coletivo Koiaki Sakumbi.

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

Esse relato versa sobre a experiência de construção do “Memorial Biocultural do Caxuté” essa ação ocorre a partir da experiência construída pela Comunidade de Terreiro do Campo Bantu Indígena Caxuté, que está localizada em Valença, Baixo Sul da Bahia. As raízes ancestrais deste terreiro vem do Candomblé de Angola, tradição de origem na África Bantu, notadamente vinculadas aos rituais praticados por etnias que habitam os territórios atualmente denominados como os países Congo e Angola na África, africanos pioneiros no Brasil. A Comunidade foi fundada por Mam’etu Kafurengá (Maria Balbina dos Santos) e deriva de laços ancestrais com um dos terreiros mais antigos do Candomblé Angola na Bahia, o Tumba Jussara, passando pelas influências de Mam’etu Kasanji (Mãe Mira) e Taata Siboamin (Pai João). O Caxuté tem atuação reconhecida em todo território do Baixo Sul da Bahia, com destaque para as questões socioambientais onde ao longo das últimas duas décadas têm colaborado com os conselhos municipais de: Meio Ambiente, Segurança Alimentar e Nutricional, Desenvolvimento Sustentável e também tem participado de conferências municipais, territoriais e estaduais na área. Atualmente compõe o Conselho gestor da Área de Preservação Ambiental – APA Caminhos Ecológicos da Boa Esperança e participa da Teia dos Povos (articulação que envolve povos e movimentos sociais na luta por terra, território e Agroecologia). O terreiro se mostrou pioneiro na região em debater e atuar em defesa da Agroecologia, reivindicando o papel das Comunidades Tradicionais de Matriz Africana nessa discussão. Participando ativamente nos últimos oito anos da construção das Jornadas de Agroecologia da Bahia, do IV Encontro Nacional de Agroecologia, de Congressos Brasileiros de Agroecologia, até mesmo abrigando atividades agroecológicas em seu espaço, a exemplo de oficinas, cursos, prosas, caminhadas e mutirões envolvendo o tema durante as festividades ritualísticas da Menha Kambuka; Kizoomba Kayala; Pisa Caboclo; Kizoomba Maionga (Vivência Internacional do Caxuté); Encontro Afroecumênico - ENAFRO (Matamba e Mariana),



tendo também sediado Pré-Jornadas de Agroecologia do Baixo Sul da Bahia e ações do Núcleo de Estudos em Agroecologia – Laboratório Vivo (CETENS/UFRB).

### **Desenvolvimento da experiência**

O trabalho de construção do “Memorial Biocultural do Caxuté” começa a ser sistematizado em 2016 fruto de anos de trabalho e vivências de membros do terreiro pela conservação das plantas nativas. A ação busca reunir e integrar diversas formas de expressar os conhecimentos tradicionais de matriz africana e indígena sobre o uso das folhas (denominadas Jinsaba). Assim o memorial resguarda não só as plantas, mas também o conhecimento sobre elas, para isso valoriza o conhecimento das mais velhas e mais velhos do terreiro. Mas também os ensinamentos dos ancestrais que habitam cotidianamente os corpos e o território do Caxuté, tendo como principal porta-voz os caboclos (entidades de descendência originária e africana) que conduzem a maioria das práticas de cura dentro da Comunidade.

Foi a partir dessa vivência que surgiu a demanda pela conservação das espécies nativas mais usadas no dia a dia do terreiro, a maioria das plantas em questão são tratadas muitas vezes como irrelevantes do ponto de vista comercial. A base técnica e teórica da Agroecologia e da Etnoecologia tem sido usada para buscar fomentar o diálogo com os órgãos públicos de ensino, pesquisa, extensão nas áreas de agricultura, meio ambiente e educação a fim de ressaltar a importância de valorizar tal iniciativa. Na primeira etapa da iniciativa, foram realizados levantamentos de sete espécies nativas usadas pelo Caboclo Rei das Neves Pena Branca e os Mikisi (ancestrais de origem africana cultuados no Candomblé Kongo-Angola). Na segunda etapa foram catalogadas, fotografadas, registradas as espécies levantadas e seus lugares de coleta, visto que do ponto de vista ritualístico é importante levar em conta de qual ambiente pode ser coletada determinada planta a ser utilizada. A maioria das espécies indicadas pelo caboclo são manejadas em Cajaíba, distrito de Maricoabo, no Distrito de Serra Grande e no Distrito do Guaibim em Valença-BA e nas Comunidades da Graciosa e Camurugi em Taperoá-BA. A terceira etapa que está em curso se dá a partir de oficinas, rodas de conversa, mapeamentos participativos e caminhadas ecológicas para sensibilizar os sujeitos membros e não membros de terreiro para que os mesmos possam identificar, conservar e manejar de acordo os fundamentos ancestrais das plantas nativas.

### **Desafios**

Apesar do empenho do Caxuté para dialogar amplamente com a sociedade sobre a iniciativa em curso, enfrentamos às várias faces do racismo estrutural que atravessa sob vários ângulos os Povos Tradicionais de Terreiro, onde se somam a discriminação, violência religiosa, racismo ambiental e institucional e toda uma herança da perversidade colonial que persiste ainda hoje a despeito da lei, atingindo os povos indígenas e de origem africana. Há por diversas circunstâncias uma dificuldade crescente de acesso aos lugares que possuem as espécies usadas nos rituais (o Baixo Sul da Bahia tem sofrido uma intensa especulação fundiária,



principalmente por um modelo de turismo excludente que busca mercantilizar a natureza que vem sendo conservada há séculos pelos Povos Tradicionais locais).

### Principais resultados alcançados

Como já mencionado anteriormente, as plantas trabalhadas em nossa ação são pouco pesquisadas, o que dificulta na busca de informações até mesmo para articular formas de conservar as espécies.

Quadro sobre as Jinsaba nativas da Mata Atlântica mais utilizadas no Caxuté

Nsaba	Nkisi/Caboclo	Função no terreiro
Bete Cheiroso	Nzazi	Ritualística e medicinal
Canela de Velho	Lembá, Kavungu, Zumba...	Ritualística e medicinal
Capianga	Matamba	Ritualística e Medicinal
Ingá	Ndandalunda	Ritualística, Medicinal e Alimentar
Muricí	Nkongobila/Katendê	Ritualística e Medicinal
Pau Pombo	Caboclo/Nkisi das Matas	Ritualística, Medicinal e Arquitetura
Tinteiro de Folha Miúda	Caboclo/Nkisi das Matas	Ritualística e Medicinal

Fonte: Caboclo Rei das Neves Pena Branca

Nesse sentido o Caxuté tem buscado participar das instâncias públicas de debate sobre Agroecologia e a questão ambiental, organizado oficinas fora do espaço do terreiro para sensibilizar a sociedade, reivindicado o cumprimento da Lei 11.645/08 que versa sobre a história e cultura afrobrasileira e indígena nas instituições de ensino. Temos preparado a partir da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana – Escola Caxuté, estudantes para ingressarem na universidade e uma vez lá, possam pautar projetos de pesquisa e extensão que visibilizem o tema exposto. Já observamos roças que antes eram manejadas com a supressão total das espécies trabalhadas, onde agora já são mantidas algumas plantas nativas em meio aos cultivos com fins comerciais.

### Disseminação da experiência

O “Memorial Biocultural” é uma experiência possível de ser replicada, pois traz uma metodologia que já vem sendo apropriada pelos terreiro casa que possuem raízes no Caxuté, notadamente no Baixo Sul da Bahia, Vale do Jiquiriçá e Portal do Sertão. O Memorial é fundamental para mapeamento de espécies nativas relevantes para todos os Povos e Comunidades Tradicionais, a partir desse diagnóstico é possível inclusive compreender os conhecimentos ancestrais e também utilizar o uso das plantas como base material para estabelecer a demarcação do território ocupado por determinada comunidade, pois a legislação garante que estes sujeitos sociais têm direito de acessar o local que usam para manter sua cultura e identidade.